

OS FANTASMAS DE MOSKOBIYA

Entrevista concedida por Raed Andoni a Rodrigo Brum para AO LARGO

Tradução e transcrição de Rodrigo Brum

Raed Andoni nasceu em 1967, em Amman, de uma família Palestina de Beit Sahour, no ano da Guerra dos Seis Dias. É produtor e cineasta. Seu mais recente filme, *Ghost Hunting (2017)*, premiado no Festival de Berlin do ano passado como melhor documentário, é uma reencenação das experiências de diversos ex-prisioneiros que passaram pelo centro de interrogação e detenção de Moskobiya, em Jerusalém, onde o próprio cineasta havia sido interrogado e preso.

AO LARGO:

O que eu considero muito interessante nos seus filmes é o fato de que embora você recuse vivamente tratar as suas personagens e até você mesmo como vítimas, tem um processo de cura em jogo nas filmagens, ou, para usar um nome que está presente no título de um dos seus filmes, há sempre alguma coisa que você quer consertar (to fix). Neste processo, e me corrija se eu estiver errado, memória e tempo desempenham um papel central. Em 'Fix Me', tem uma imagem a qual nós retornamos com frequência, que é você olhando pelo retrovisor do carro. No seu último filme, você explora uma experiência que te ocorreu há trinta anos, que foi quando você foi interrogado e preso em Moskobiya. Quando você descobriu que faria um filme sobre isso? E como esses trinta anos te preparam para contar essa história?

RAED ANDONI:

Deixa eu tentar explicar essa viagem entre *Fix Me* e *Ghost Hunting*, que agora me aparece mais clara depois de ter terminado os dois filmes. Acho que comecei *Fix Me* com uma questão sobre a minha identidade. O fato de que eu nasci e cresci na Palestina torna esta questão pouco óbvia. Porque tem um elemento adicional, grave, que perpassa toda a minha vida, que é a ocupação israelense. Neste tipo de situação, a sua identidade pessoal se torna secundária, porque estamos em grupo vivendo uma experiência de opressão. E de certa forma, as

peessoas encontram proteção ao estarem juntas buscando algum tipo de sentido numa identidade de grupo. *Fix Me* foi durante todo o tempo uma investigação para tentar encontrar uma perspectiva neste cenário. Porque eu sou parte deste coletivo, mas ao mesmo tempo busco a minha individualidade, o meu ponto-de-vista. Além de ser uma necessidade humana, acho que isso concerne todos aqueles que se expressam artisticamente. Porque arte, enfim, tem essa dimensão muito individual, enquanto viver uma situação política é sempre uma experiência coletiva. Todo o tempo em *Fix Me* eu buscava essa relação. E o resultado é muito subjetivo, mesmo quando eu filmo a Palestina, Ramallah, é sempre muito subjetivo. Não tentei trazer o que chamamos de objetividade. Eu não acredito na objetividade em geral. O filme parte desse pressuposto que é o meu tratamento, eu me submeto a terapias para tentar consertar o meu corpo. Um dos terapeutas usa arte como método, ele me pede para desenhar, tocar música, escrever alguns poemas... Só que eu adiciono esse elemento extra, que é o cinema, a minha expressão através da câmera. E é uma busca sobre quem sou eu. Ao final, quando eu encontro o camelo, ele me dá este tipo de metáfora, e talvez eu não goste de metáforas no cinema, mas esta vamos dizer que é uma imagem metafórica do que uma pessoa pode ser. Porque o camelo tem uma perspectiva muito singular, ele é alto, vê as coisas de cima, mas ao mesmo tempo está conectado ao chão.

AO LARGO:

E esta é exatamente a posição que você escolhe em uma das sessões de terapia, quando fica em pé sobre a cadeira.

Isso! Então *Fix Me* é sobre perspectiva, sobre buscar uma identidade pessoal. Então veio *Ghost Hunting*, onde eu retorno para uma história muito coletiva, porque o presídio é o lugar onde você vive uma identidade coletiva de modo definitivo. *Fix Me* me preparou para isso, porque me deu essa perspectiva única. Acho que consigo em *Ghost Hunting*, em meio a uma experiência coletiva, manter a minha identidade pessoal, artística. *Ghost Hunting* não é um filme clichê sobre prisioneiros, não é sobre heróis, e, como você disse, recusa tratá-los como vítimas. O filme lida com um grupo de sobreviventes que passou por uma experiência extraordinária em suas vidas, mas que mesmo assim é capaz de

compartilhar isso, de colocar em perspectiva. Eu posso dizer que muitas coisas me prepararam pra contar essa história. Incluindo estes trinta anos. Cinema, para mim, é sobre perspectiva. A história é sempre uma história, mas como contá-la? De qual ponto-de-vista, onde você estará posicionado? A diferença entre um filme e outro é a perspectiva. Muitas pessoas preferem passar a vida na mesma cela. Onde quer que eles tenham nascido, seja qual for a educação que tiveram, é possível se fixar a isso e criar um muro de proteção de modo que você possa permanecer toda a sua vida dentro dessa mesma cela, essa prisão que você construiu para si mesmo. Eu penso que deve haver o momento em que você decide ultrapassar isso e buscar liberdade, não só liberdade como o fim da ocupação israelense, mas liberação de nós mesmos contra nós mesmos. É preciso redescobrir as coisas, redescobrir a vida.

AO LARGO:

Em 'Ghost Hunting', e também em 'Fix Me', você está presente na tela como personagem e como diretor. Você não escolhe estar atrás da câmera, e eu me pergunto se performar você mesmo em seus filmes é uma maneira de lidar com os seus traumas e com as suas dores de cabeça [N do T: Em 'Fix Me', o filme começa com uma consulta ao médico onde Raed busca curar uma dor de cabeça. Em 'Ghost Hunting' as primeiras imagens são de uma animação que reconstrói a experiência de Raed durante um interrogatório no presídio de Moskobiya, em Jerusalém]. Em 'Fix Me' você parece ser bastante cético diante do psicanalista e do terapeuta, mas tenho a sensação de que você não duvida por um único instante da capacidade de o processo com o filme te oferecer respostas. Como você pensa que fazer cinema pode ajudar as pessoas a lidarem com a memória, com um passado coletivo e com a própria história?

RAED ANDONI:

No primeiro filme que eu fiz, chamado *Improvisação*, eu não aparecia na tela. Mas depois dessa experiência passei a me incomodar com essa objetividade da câmera. Isso não existe, é uma grande mentira. Não existe objetividade. Se eu tenho alguma coisa a dizer, então preciso dizer diretamente. Se tenho questões a levantar, então as levanto diretamente. Eu não tento me esconder ou estar no meio. Sobre a sua pergunta: quando você faz filmes sobre você mesmo o quanto

o cinema pode te permitir refazer a sua vida? A questão é narrativa. O momento que você conta uma história, ela se torna um fato. Ela começa a existir. Hoje diríamos que a nossa relação com o passado, com a nossa história, ela é química. O passado está nos nossos genes. Os genes não definem apenas a nossa aparência física, mas trazem também milhares e milhares de anos. Então o passado existe no nosso corpo. E no momento em que você começa a fazer um filme sobre o passado, você coloca o passado em perspectiva, e ele se torna real. Para deixar mais claro: hoje, quando eu penso sobre o centro de interrogação de Moskobiya, a primeira imagem que vem a minha mente é o filme que eu fiz junto com estas personagens. É claro que estive lá uma vez, na prisão real. Ela existe. Mas agora tenho uma imagem mais importante. E esta imagem me alimenta com satisfação, orgulho, também conflito, mas enfim outros tipos de emoção do que aquelas geradas em mim pela minha primeira experiência em Moskobiya. De certa forma, acho que alterei os químicos que o meu corpo produz a partir desta memória. Então posso dizer que eu mudei o passado ao colocá-lo numa narrativa ou numa história. Acredito que isto é muito importante para pessoas em situação de opressão. Elas precisam contar as suas próprias histórias.

AO LARGO:

A ideia de reconstruir o centro de interrogação e reencenar com as personagens as experiências que vocês de fato viveram quando estiveram presos deve ter suscitado muitos questionamentos sobre os limites éticos dessa proposta. Sabendo dos riscos que você corria ao expor novamente muitas pessoas – você inclusive – a uma experiência tão traumática, por que você seguiu adiante?

RAED ANDONI:

Eu conheço o risco, e eu também sei que estou muito próximo da linha vermelha, se é que já não a ultrapassei. Essa questão que você coloca ficou comigo por mais de um ano. Toda vez que eu vinha escrever, não conseguia, me sentia imobilizado por esta demanda ética. Só que estas prisões existem. Muitos palestinos passam por elas. E o que eu decido fazer? Reconstruir a prisão, reencenar o ocorrido. A única coisa que eu fiz para minimizar o risco, foi não estabelecer nenhum contrato de trabalho com ninguém. Eles sabiam desde o

princípio que poderiam a qualquer momento abandonar as filmagens sem me dar qualquer tipo de explicação. Eu disse a eles, desde o começo, que se eles não estivessem se sentindo confortáveis, era só ir embora, ninguém precisaria me explicar nada.

AO LARGO:

E alguém abandonou o processo durante as filmagens?

RAED ANDONI:

Uma pessoa foi embora, e até hoje não sei o motivo. Ele veio a uma exibição na Palestina, nos encontramos, ele começou a se desculpar, e eu disse que não havia razão para pedir desculpas, que estava tudo bem. Enfim, o fato de que eles pudessem sair a qualquer momento sublinhou que era deles a decisão de permanecer ali. E sabe quando eu parei de me sentir culpado? Quando me dei conta de que eu não estava lidando com vítimas, eu estava lidando com sobreviventes, com pessoas que encontraram os seus modos de sobreviver na prisão.

AO LARGO:

Exibir 'Ghost Hunting' no exterior e na Palestina devem ser situações bem diferentes. Enquanto boa parte do mundo tende a encarar essa experiência nos centros de interrogatório como algo extraordinário, na Palestina ela é bastante comum e quase todo mundo conhece alguém que passou por isso.

RAED ANDONI:

Na Palestina tive mais de cento e cinquenta exibições. Considero este filme um filme feito para os palestinos. Lembro da primeira exibição, antes de Berlin, porque eu quis exibir primeiro aqui, antes da estreia internacional. O cinema tinha quatrocentas, quinhentas pessoas, e acho que uns 80% eram ex-prisioneiros. E eu lembro das reações, alguns chorando, outros rindo alto. Os palestinos não se importam de interagir com o filme, enquanto na Europa a interação é muito mais interior, eles não expressam tanto durante a sessão. Sempre que exibio o filme aqui, eu jamais respondo a perguntas ao final da sessão. Eles não tem que me fazer perguntas. Eles tem que perguntar a si

mesmos. Depois dessa primeira exibição eu lembro que eu saí do cinema e vi todo mundo em pequenos círculos de dez, quinze pessoas, e ali eles ficaram conversando por quase duas horas. Partilhando experiência, contando as suas histórias, falando de cinema, de interrogatórios, da prisão...

AO LARGO:

Este seu último filme me fez pensar em outros, como o 'Salaam Cinema', do cineasta iraniano Mohsen Makhmalbaf, ou 'Cesare Must Die', dos irmãos Taviani, só pra citar dois. Também pensei muito na obra do Augusto Boal. Aí me ocorreu te perguntar se assistir filmes, ou ler livros, seria parte do seu processo. Você viu muitos filmes enquanto fazia 'Ghost Hunting'? Estava lendo alguma coisa que foi fundamental para a pesquisa do filme?

RAED ANDONI:

Não. O mais importante para mim no processo é fazer o filme. E meu método foi conversar com as pessoas. Eu posso eventualmente ver um filme, ler alguma coisa, só para ter um melhor entendimento de alguma questão, mas o que foi importante durante todo o processo de pesquisa foi conversar com os ex-prisioneiros. Vou te dizer como encontrei o formato, por exemplo. Este formato de reencenar as experiências na prisão. Acho que já te disse isso uma vez, eu comecei este projeto como um filme de ficção. Eu estava tentando escrever um roteiro e contar a história desse centro de interrogação. E por isso comecei a encontrar ex-prisioneiros para conversar com eles, para ouvir as suas histórias. E toda vez que eu estava com eles eu sentia que estava diante de emoções muito profundas que precisavam encontrar uma forma de expressão. E eu nunca senti que meu roteiro seria capaz de trazer estas emoções à vida.

AO LARGO:

Ano passado, no Brasil, um candidato de extrema direita foi eleito presidente. Um de seus primeiros anúncios foi a ideia de transferir a embaixada brasileira em Israel de Tel Aviv para Jerusalém, como fizeram os Estados Unidos. Ainda não é possível saber se isso ocorrerá ou não, mas é visível que a maior parte dos brasileiros parece muito distante do conflito na Palestina para compreender os significados desse gesto.

RAED ANDONI:

Vou te contar uma coisa. Eu estava na Índia. Fui presidente do júri de um festival e durante a coletiva de imprensa, um jornalista indiano me perguntou o motivo de eu querer que ele apoie a causa palestina, uma vez que eles já tinham muitos problemas no seu próprio país. Basicamente, ele disse que não tinha tempo para a Palestina, que esta não era a prioridade. E eu disse que sim, que é claro que não era uma prioridade. E que então apoiar a causa palestina seria um favor, e nós não estamos buscando um favor. Mas ao mesmo tempo, eu disse a ele, sou um palestino e me considero sensível ao que acontece em outras partes do mundo. Eu não vou estar do lado do opressor, eu não posso estar do lado do opressor, em nenhuma parte, porque isso diz respeito a minha condição humana. Em alguns momentos da história, a humanidade escolhe viver uma cegueira em relação a determinadas causas. E com o tempo e muita coragem, é possível dissolver um pouco dessa cegueira. Foi assim com a escravidão, por exemplo. E ainda é. A causa palestina é muito simples: nós estávamos vivendo em nossas casas, em nossas cidades, e fomos expulsos, nossas casas foram roubadas, e lá dentro os israelenses sabem que estão vivendo num lugar que não é o deles, numa casa que ainda tem a mesma porta: eles só trocaram a chave. Mas tem essa cegueira, e as pessoas não querem ver. Milhões de Palestinos hoje vivem em campos de refugiados porque não podem retornar ao lugar onde nasceram e ao qual pertencem. E qual é a narrativa de Israel? Que Deus lhes assegurou essa terra há milhares de anos? E vocês no Brasil acreditam nisso? Que a terra pertence a eles e que nós não somos filhos de Deus, nós, palestinos? É uma narrativa baseada no racismo.